

# Lógica, linguagem e ontologia no século XIX: a interpretação das categorias de Aristóteles por Adolf Trendelenburg

Ernesto Maria Giusti <sup>1</sup>

RESUMO

Pretendemos aqui apresentar o texto de 1846, a *História das Categorias*, de Adolf Trendelenburg, oferecendo uma interpretação que permita situar o autor no contexto do surgimento da filosofia contemporânea. Neste artigo apresentamos a hipótese de Trendelenburg sobre o fio condutor para a formulação das categorias aristotélicas. Trendelenburg defende a tese de que tal fio condutor foi a gramática grega, que determinou assim de modo decisivo a metafísica e a lógica de Aristóteles. Esta tese foi determinante não apenas no contexto da *Aristoteles-Renaissance* do século XIX mas, igualmente, para a constituição da assim chamada Virada Linguística, ou Semântica. Ela se encontra assim na origem da filosofia contemporânea. Este artigo constitui ainda a tentativa de resgate de um autor pouco estudado hoje.

**Palavras-Chave** Aristóteles, Categorias, Linguagem, Lógica, Neokantismo, Trendelenburg, Adolf

---

<sup>1</sup> Professor do Departamento de Filosofia da UNICENTRO (Guarapuava-PR); Bacharel e mestre em Filosofia pela PUC-SP; doutorando em Filosofia pela PUC-PR; bolsista CAPES. Email: egiusti@gmail.com

# ABSTRACT

In this paper our aim is to introduce Adolf Trendelenburg's 1846 History of the doctrine of the Categories, offering a reading that locates him in the rise of contemporary philosophy. In it, we present Trendelenburg's hypotheses concerning the guiding thread for the establishment of the Categories. Trendelenburg sustains that such guiding thread is to be found in the Grammar of Greek language, which determines Aristotle's logic and metaphysics. This thesis is central not only to the Aristotle-Renaissance of nineteenth century, but also to the constitution of the so-called Linguistic or Semantic Turn, and, in this way, of contemporary philosophy. Also, this paper wishes to contribute to the rescue of a neglected philosopher.

**Keywords:** Aristotle, Categories, Language, Logic, Neo-Kantianism, Trendelenburg, Adolf

## Introdução

Pretendemos aqui apresentar o texto de 1846, a *História das Categorias*, de Adolf Trendelenburg, oferecendo uma interpretação que permita situar o autor no contexto do surgimento da filosofia contemporânea. Vários motivos orientam esta proposta, que passamos a descrever.

A filosofia do século XIX é, do ponto de vista da historiografia filosófica, essencialmente uma ausência. A história oficial, que podemos encontrar, por exemplo, em Karl Löwith (cujo título é eloquente: *De Hegel a Nietzsche*) descreve este período como sendo marcado pela ruptura com o idealismo hegeliano, e pelo surgimento de filosofias quase singulares que desembocam na tradição continental do século XX. Assim, Nietzsche, Marx, Freud, Kierkegaard, os “mestres da supeita”, acabam por definir o panorama do século dezenove como uma radical separação entre uma filosofia escolar, intrinsecamente desinteressante e reacionária, em face desses outros autores que quase que só por acaso pertencem a este século e são lidos mais como contemporâneos. Tal interpretação está correntemente em revisão, e maior atenção vem sendo dada aos debates internos da filosofia do século XIX e o caráter ao mesmo tempo dinâmico e orgânico desta disciplina. Assim, o panorama que se descortina apresenta antes uma série de eventos e problemas notáveis que determinam não apenas a filosofia daquele período, mas, como agora é possível reconhecer, os desdobramentos que estão na origem da filosofia contemporânea, e representam mais do que uma estéril discussão escolástica. O caso de Trendelenburg é exemplar nesse sentido.

Apontarei aqui apenas três aspectos da influência de Trendelenburg para ilustrar esse ponto. Em primeiro, devemos ressaltar a importância da figura de Trendelenburg nos contrastes com o

hegelianismo (a *Logische Frage*) e com o neokantismo (a polêmica Trendelenburg-Fischer sobre a natureza do espaço e a “hipótese negligenciada” da Estética Transcendental de Kant.). Em segundo lugar, as *Investigações Lógicas*, de 1841, foram extremamente influentes, ajudando a abrir caminhos para a investigação lógico-semântica no século, e preparando a virada semântica da filosofia. A influência das ideias de Trendelenburg alcança, diretamente, autores como Brentano, Frege, Kierkegaard, Lange, Heidegger, Dilthey e Husserl, decisivos para as correntes analítica e fenomenológico-hermenêutica da filosofia contemporânea. O terceiro aspecto é talvez o mais negligenciado: trata-se da contribuição de Trendelenburg à recepção e interpretação de Aristóteles no século XIX, associado frequentemente ao neokantismo na França e na Alemanha. Este processo, que inclui nomes como Bonitz, Ravaisson, Renouvier ou Jaeger, entre outros, foi determinante na transformação do campo semântico original de certos conceitos aristotélicos e do seu modo de compreensão futuro. Os textos sobre as categorias aristotélicas de Trendelenburg, que nos propomos a estudar, foram determinantes ao propor a hipótese, revisitada e, sobretudo, criticada na tradição posterior, de que o fio condutor de Aristóteles no estabelecimento das categorias é a gramática, no caso específico aquela da língua grega, expressa no modelo das proposições simples aristotélicas. Isto abre perspectivas novas, pois coloca a questão de como se relacionam, no estabelecimento das categorias, as considerações linguísticas, lógicas e semânticas por um lado, de considerações sobre o ser e a verdade das categorias, isto é de questões de natureza epistemológica e metafísica, por outro.

## **Trendelenburg na história da Filosofia**

Se no caso da maior parte dos autores, em um trabalho como este, não se faz necessária uma apresentação, o caso de Friedrich Adolf Trendelenburg (1802 – 1872) é diferente. Hoje ele ra-

ramente é citado nas histórias da filosofia e não faz parte dos textos canônicos da formação do estudante de filosofia, e não são dados cursos sobre sua obra. Isto não significa que não haja interesse pela sua obra: a realização em 2003, na Alemanha, do primeiro congresso internacional sobre o autor é um sinal disto. No panorama da filosofia alemã do século XIX, que, ao lado da filosofia francesa, dado um eclipse relativo da produção britânica, domina a cena europeia, Trendelenburg é um notável, e uma figura obrigatória, ainda que longe de unânime. Trendelenburg estudou nas universidades de Kiel, Leipzig, e Berlim. Foi aluno de do filólogo August Boeckh, do orientalista e lingüista Franz Bopp, de August Neander, Friedrich Daniel, e Henrik Steffens. Hegel e Schleiermacher, igualmente, foram seus professores. Sua formação filosófica inclui cursos sobre Platão e Aristóteles, e a filosofia da identidade de Schelling, fonte provável de sua teoria das oposições. Sua tese de doutorado, de 1826, (*Platonis de ideis et numeris doctrina ex Aristotele illustrate*), é uma expressão direta desses interesses. Recém formado, segue o caminho de outros, como Fichte e Kant, e trabalha como preceptor, ao mesmo tempo em que continua suas pesquisas: é durante esse período, por exemplo, que ele prepara uma edição crítica do *De anima* (1833; 2a ed. C. Belger, 1877) que se torna imediatamente uma obra de referência. Nesse mesmo ano inicia sua carreira universitária, sendo nomeado professor extra-ordinário na Universidade de Berlim, de onde nunca sairá e onde em 1837 é elevado a professor ordinário. Durante as várias décadas de magistério, foram seus alunos, ou foram por ele diretamente influenciados pensadores como o teólogo Julius Kaftan, Franz Brentano, Hermann Cohen, Wilhelm Dilthey, Kierkegaard, Karl Dühring Ernst Laas, Friedrich Paulsen, Alois Riehl, Friedrich Ueberweg, Hans Vaihinger, Georg von Hertling, Otto Willmann, Jürgen Bona Meyer e Andreas Ludwig Kym, o primeiro, e talvez último, “Trendelenbur-

guiano”. Esta simples lista mostra que é impossível compreender a filosofia posterior sem passar por Trendelenburg. Em 1865, inicia-se a polêmica com Kuno Fischer sobre a interpretação da teoria kantiana do espaço, que geram *Kuno Fischer und sein Kant* (1869), e a resposta deste autor: *Anti-Trendelenburg* (1870). Se examinarmos histórias da filosofia escritas no século XIX, podemos encontrar Trendelenburg classificado sob os mais diferentes rótulos: Idealista, aristotélico, hegeliano, anti-hegeliano, neo-kantiano, etc.

## A filosofia de Trendelenburg

No contexto da filosofia alemã do século, dois movimentos principais podem ser identificados: o idealismo e o neokantismo. Trendelenburg dialoga diretamente com os dois. Certamente Hegel é o ponto de referência necessário para examinar a filosofia do século XIX. Com efeito, as correntes que, desde a morte de Hegel, buscaram estender sua filosofia em novas direções, são bastante conhecidas, embora nem sempre compreendidas. O caminho da práxis, e do materialismo, são bem documentados. Citemos por exemplo os nomes principais do hegelianismo de esquerda, como Feuerbach, e Marx, e o “Materialismus Streit”. Igualmente conhecidas são a filosofia idealista de Schopenhauer, o irracionalismo (para usar o termo da época) de Nietzsche e Kierkegaard, o positivismo francês, e, em menor medida, o materialismo alemão. As reações idealistas e neokantianas, na Alemanha, França e Grã-Bretanha, estão igualmente presentes na literatura. No caso do idealismo britânico, aliás, presentes com o que podemos denominar uma sobrevalorização de Bradley e outros nomes, principalmente na historiografia britânica e americana.

No período em exame a filosofia, ao mesmo tempo em que se institucionaliza, enfrenta a ameaça à sua própria existência, ad-

vinda sobretudo depois que a ciência se transforma em um rival à altura, após a virada copernicana de Kant. É sintomático desse estado de coisas a tentativa de fundamentar o saber filosófico como um sistema, e a crítica a essa possibilidade, tema que se desenvolve desde os primeiros leitores de Kant, como Schulz, Jacobi ou Maimon, e cujo florescimento de “sistemas completos do saber” no idealismo alemão é um bom testemunho. Igualmente sintomático, e frequentemente associado à ideia de sistema e a uma concepção de ciência como conhecimento necessário, a filosofia busca tornar-se “teoria da ciência”, direcionando-se para a epistemologia e a lógica. Em trechos das *Investigações Lógicas*, é possível ver que Trendelenburg se rende a estas exigências típicas da época, ainda que o conteúdo restante da obra seja mais um desmentido que uma confirmação desses propósitos. Assim, ele se refere à filosofia anterior utilizando o termo fichteano, mas igualmente hegeliano, de “doutrina da ciência” (*Wissenschaftslehre*), e propõe a passagem a uma superior “teoria da ciência” (*Wissenschaftstheorie*), que se reconhece como “filosofia fundamental” (LU, I, 130-131).

A teoria da ciência proposta por Trendelenburg representa uma continuação e uma superação da lógica transcendental kantiana, mas que se diferencia igualmente da lógica formal, da lógica dialética e da psicologia empírica. Antes de reconhecer a ciência, na forma de um saber dado, como o ponto de partida da reflexão, Trendelenburg oferece uma crítica da lógica sua contemporânea naquelas duas vertentes. Neste sentido, o livro de Trendelenburg deve ser colocado ao lado de textos como a *Wissenschaftslehre* de Bolzano, e o *Begriffsschrift*, de Frege, como uma tentativa de compreender as características da ciência e dos sistemas formais necessários para representá-la, sendo fundamental para imprimir à filosofia contemporânea algumas de suas orientações características. Trendelenburg, por exemplo, reconhece na análise de conceitos o

método fundamental da filosofia, e afirma que esta análise se dirige ao “dado”, à realidade posta (*Gegebenheit*). O procedimento da filosofia, assim, é analítico, não apenas no sentido moderno em que vai do particular ao universal, mas em um sentido mais refinado no qual a análise do discurso do saber, na forma dada em uma certa língua, revela certas características deste próprio saber. O texto que propomos investigar, a *História das Categorias*, pode ser lido como uma aplicação dessa tese ao caso particular de Aristóteles, revelando assim tanto sobre o projeto de Trendelenburg quanto sobre o próprio tema da obra.

## **Trendelenburg leitor de Aristóteles**

A filosofia moderna pode ser vista, sob mais de um aspecto, como uma superação do aristotelismo. São conhecidas as críticas à esterilidade da lógica aristotélica, ou à inútil sutileza de suas distinções metafísicas, que encontramos em Hobbes, Descartes ou Bacon, para citar alguns dos exemplos típicos. A ciência moderna, a seu turno, constitui a outra face desse processo, ao substituir o sistema aristotélico-ptolomaico do mundo pela matematização da natureza e seu esvaziamento de formas substanciais. Sem dúvida há autores, como Leibniz, que reconhecem e utilizam a filosofia aristotélica, mas que não são suficientes para contra arrestar esta tendência, que pode ser aliás recuada até os platônicos do Renascimento.

O fato é que o Aristóteles histórico, na figura de seus textos, está ausente da modernidade. O exemplo de Kant, que o cita repetidamente, é relevante: suas citações são ao mais da vezes inexatas, posto que retiradas de manuais ou histórias da filosofia. Sua compreensão do silogismo deriva diretamente da Lógica de Meyer, e em outras questões, os resumos do historiador da filosofia Ritter

parecem ter servido como referência. No século dezenove, depois justamente de Kant, mas, sobretudo depois de Hegel, algumas razões suscitam um recrudescimento do interesse pelos textos aristotélicos. Entre elas podemos identificar a tomada de consciência histórica que a filosofia conquista depois de Hegel, e Schleiermacher, que motiva a retomada e edições críticas dos textos originais dos antigos, e suas traduções. A própria história ganha seus contornos disciplinares contemporâneos neste período. Não menos relevante é a consolidação de um sistema universitário renovado, especializado e departamentalizado, com ênfase na pesquisa, onde surge a figura do filósofo profissional, ou ainda aquela, tipicamente alemão, do “filólogo”, para o qual o contato com os textos originais torna-se um pressuposto para sua atividade.

Embora seja mais difícil de identificar pontualmente, queremos apontar ainda um certo aspecto geral da história da filosofia que não permite ter plena consciência da importância desse fenômeno. A leitura ora tradicional na história da filosofia, ou pelo menos em boa parte dela, vê no século dezenove essencialmente um século que possui valor apenas contraposto ao estado presente e anterior da filosofia. Se é fácil achar uma data para marcar o início da filosofia moderna, por exemplo aquela da publicação *do Discurso do Método*, é muito mais difícil encontrar seu limite final. As sugestões usuais situam o fim da filosofia moderna em algum momento depois de Kant, ou Hegel, até o começo do século XX. Mas isso não é tudo. À uma dificuldade em situar o final da filosofia moderna corresponde outra, aquela de situar o início da contemporaneidade filosófica. O fato é que não se trata apenas de datas, mas da escolha de conceitos para tratar a história da filosofia. Vários filósofos escolheriam algum dos “mestres da suspeita” como candidatos: Marx, Kierkegaard, Nietzsche, Freud. A tradição analítica adota como ponto de referência Frege, ou mais vaga-

mente uma virada linguística ou semântica, que poderia remontar mesmo até Bolzano, Mill (e Trendelenburg). Os primeiros textos importantes de Husserl, na virada do século, ou a *Psicologia de um ponto de vista empírico*, de Brentano, seriam opções se quisermos escrever a história da tradição fenomenológica. Não creio que seja possível julgar essas opções a não ser percebendo que se tratam de opções feitas tendo em vista uma certa ideia prévia do que é ou não relevante no desenvolvimento posterior da história da filosofia como sendo aquilo que efetivamente era relevante no panorama filosófico da época. É o que poderíamos chamar de uma falácia da ilusão retrospectiva. Expresso de modo absolutamente grosseiro, ela aponta simplesmente para o fato de que nos perguntarmos hoje quem foi importante no século XIX não é a mesma coisa que um pensador do século XIX olhar ao seu redor e perguntar-se quem é relevante na filosofia, e para onde ela vai.

Algumas considerações servem para reforçar esta ideia. Podemos observar que na visão tradicional o século XIX constitui-se basicamente como um século de transição. Ele vem depois da Revolução Francesa, depois de Kant e de Hegel, de Newton. Seus grandes nomes não são os continuadores de tradições anteriores, mas fundadores de uma nova, como Nietzsche, Marx ou Kierkegaard. Nenhum deles adquiriu sua fama em vida, em nenhum deles a adquiriu na academia. No entanto, a maior parte dos filósofos do século XIX o fizeram: a figura do filósofo profissional e do professor universitário passam quase a se confundir. Em um sentido bastante claro, a filosofia do século dezanove é uma filosofia universitária. Não é possível compreendê-la sem compreender, por exemplo, a intrincada rede de influências e amizades que o status social e político do professor universitário gera nesse período. Trendelenburg é típico, neste aspecto, de sua época. Sua influência, para além de suas obras, manifestou-se pela sua presença dominante na Facul-

dade de Filosofia da Universidade de Berlim, a capital da poderosa Prússia, onde exerceu por décadas seu magistério, aliado a tarefas de gestão e cargos administrativos.

Além disso, parece-nos claro hoje que as fontes originais da filosofia contemporânea, como Kant e Hegel, são mais relevantes que seus epígonos e críticos novecentescos. Embora seja um juízo correto do ponto de vista filosófico, não o é historicamente. A pouca fortuna posterior dos movimentos mais característicos deste pensamento, como o neokantismo, o vitalismo, o materialismo, o positivismo, não deve ocultar-nos o fato de que eram eles que apontavam as alternativas relevantes para a filosofia da época. Confrontar Kierkegaard com Trendelenburg mostra isto. Sem dúvida o dinamarquês é um filósofo mais original e importante, e que deve ser mais lido, que Trendelenburg. Muitos só conhecem o nome deste último porque leram que ele foi um dos professores de Kierkegaard. Mas foi Trendelenburg o protagonista dos principais embates filosóficos da época, seja com os hegelianos, seja com os neokantianos, seja com os intérpretes de Aristóteles, Platão ou Espinosa; mas igualmente com herbartianos, materialistas, etc. Trendelenburg, além de Kierkegaard, foi professor de vários outros alunos ilustres. Este projeto busca reconhecer a importância de Trendelenburg para uma compreensão mais orgânica e historicamente acurada da filosofia do século XIX, é crucial.

Como foi apontado, o século dezenove marca uma renovação dos estudos aristotélicos: o contato com os textos originais recorre o estagirita nas discussões filosóficas. Mais do que meras recuperações históricas, as obras de Bonitz, Ravaisson, Trendelenburg, entre outros, constituem uma tentativa de encontrar uma nova ótica para a leitura de Aristóteles, afastadas das esquematizações escolásticas, buscando nela um novo alento teórico. Uma leitura

da obra principal de Trendelenburg, as *Investigações Lógicas*, de 1840, mostra como Aristóteles joga um papel central na tentativa de compreensão da semântica e da ciência que ali se desenvolve. Já em 1833, Trendelenburg escreve em latim uma dissertação sobre as categorias, *De Aristotelis Categorii's*. Em 1836, Trendelenburg publica os *Elementa Logica Aristoteleae*, que são uma seleção de textos de Aristóteles, explicados e acompanhados de uma apresentação do sistema lógico do *Organon*. Foram o que se poderia chamar de um sucesso editorial, alcançando várias reimpressões avulsas e em conjunto outros estudos aristotélicos, e foram amplamente usados nos ginásios e universidades alemãs.

A obra mais interessante para os propósitos deste projeto é a *Geschichte der Kategorienlehre*, de 1846. Ela é composta por dois ensaios separados, *A doutrina das categorias de Aristóteles (Aristoteles Kategorienlehre)* e *A Doutrina das categorias na história da filosofia (Die Kategorienlehre in der Geschichte der Philosophie)*. Nela, Trendelenburg busca levar a cabo seu projeto de ler “Aristóteles por Aristóteles”, *Aristotelis ex Aristotelis*. Ao lado dos outros textos do corpus aristotélico, as categorias receberam uma atenção especial durante o século XIX. Diferentemente da leitura escolástica, em que a regra era o comentário cerrado do texto, o que gerava um isolamento das Categorias das demais obras restantes de Aristóteles, a leitura que Trendelenburg, mas também Bonitz e Brentano adotam insere as categorias no conjunto das interrogações aristotélicas, fazendo-as dialogarem não apenas com os demais textos do *Organon*, mas por também com a *Metafísica* e o *De Anima*, por exemplo. Nas palavras de Trendelenburg, “(n)os comentários sobre as Categorias (..) deixaram de interpretar aquilo que é aristotélico a partir do próprio Aristóteles” (1846, p.1).

Tendo em mente o moto kantiano da Crítica da razão Pura, que opõe uma dedução “sistemática” das categorias, quando dotada de um “fio condutor” (*Leitfaden*), a uma dedução “rapsódica”, quando este inexistente, Trendelenburg se coloca em primeiro lugar esta questão. Se não devemos ver nas categorias de Aristóteles um mero arrazoado de termos, é porque existe um fundamento, uma concepção originária, que as unifica, para além de sua pluralidade aparente, pois permite reconduzi-las a uma origem comum. Este fundamento deve ser encontrado na gramática. São considerações acerca das regras específicas do uso do idioma grego que conduziram Aristóteles na elaboração de sua doutrina das categorias.

No entanto, este fio condutor não se revela diretamente: antes, ele surge na investigação dos modos de composição e análise do juízo (ou proposição) simples, as famosas proposições categóricas aristotélicas. Vários comentadores apontaram a insuficiência das justificativas oferecidas por Trendelenburg para esta opção exegética. No entanto, o que parece mais importante é a orientação impressa por essa leitura, já que seu resultado mediato pode ser expresso como a ideia segundo a qual a análise da linguagem fornece um guia para o acesso às categorias, ou, para afirmá-lo de modo mais enfático, ao pensamento ao ser. Essa ideia, *mutatis mutandis*, é a mesma que se encontra na gênese da filosofia analítica contemporânea, caracterizada por exemplo por Dummett pela tese de que é o exame da linguagem que nos dá acesso à estrutura do pensamento (*The origins analytical philosophy, passim*).

O paralelo é tentador, mas exige um exame mais adequado para estabelecer seu verdadeiro valor. Trendelenburg, embora anuncie certas tendências, não pode ser confundido com Frege, Bolzano ou Mill, que parecem familiarmente próximos em certas passagens, e guarda um tom decididamente mais acadêmico e ári-

do em comparação com estes autores. Mas algumas questões que surgem são: em que consiste um “fio condutor”? E o que significa dizer que é a gramática que constitui este fio condutor? Trata-se de uma afirmação sobre a natureza da investigação filosófica, sobre as relações entre pensamento, linguagem e mundo, ou sobre o desenvolvimento do pensamento de Aristóteles simplesmente?

Há em Aristóteles, segundo Trendelenburg, uma confusão entre o juízo (*Urteil*) e a proposição (*Satz*), que associa como iguais predicados e categorias. Esta distinção é no entanto essencial para a filosofia analítica, e ignorá-la promove enganos. Por exemplo: é habitual considerar a verdade como um predicado de proposições, e em Aristóteles, como destaca Trendelenburg, é só no juízo que pode se manifestar o verdadeiro e o falso, e o sujeito real ou originário de uma predicação própria deve ser uma substância. Isto é, as categorias, elas próprias, estão desligadas do verdadeiro e do falso, o que não é certamente o caso das proposições dos lógicos contemporâneos, caracterizadas justamente por sua aptidão à verdade e falsidade. A interpretação que Trendelenburg oferece de Aristóteles parece revelar alguns dos temas típicos de seu próprio pensamento. Assim, a escolha pela análise da proposição em detrimento do juízo, é não apenas uma escolha hermenêutica, mas igualmente um capítulo na luta constante de certos filósofos, como antes Bolzano e depois Frege e o Husserl das *Investigações Lógicas*, contra a psicologia. A opção pelo antipsicologismo é o caminho que permite que sejam tratadas as relações, essenciais para a filosofia posterior, entre lógica e linguagem, assim como a opção pela ciência como dado permitia tratar a relação entre lógica e (o sistema da) ciência. Não é incidental que a década em que se publicam as *Investigações Lógicas* e a *História das categorias*, 1840, seja igualmente aquela em que o interesse pela linguagem, na forma da incipiente linguística, da filologia clássica e da gramática com-

parada, surge na Alemanha. Nomes como Gruppe e Steinthal são notáveis nesse processo. Nossa hipótese é que o responsável pela introdução da linguagem como objeto de estudo e instrumento da reflexão no campo da filosofia é nosso autor.

A alusão à crítica kantiana, no começo do texto sobre as Categorias, revela mais do que uma acusação de inexatidão histórica dirigida contra o filósofo de Königsberg, revela que as categorias, em sua valência ao mesmo tempo lógica e ontológica, revela também que existe, pelo viés da reconstrução da doutrina aristotélica, a pretensão de construir uma nova e melhorada “lógica transcendental” que vá além de Kant. Ir além de Kant, aqui, significa, entre outras coisas, desviar-se dos juízos, e voltar-se às proposições, que são a chave para o pensamento e o ser, e retomar uma crítica contemporânea comum, mas hoje esquecida, que vê uma das deficiências centrais da crítica em ignorar-se nela a linguagem, e o problema semântico. Esta crítica encontra-se manifesta em Herder, mas sobretudo em Hamann, e é um *caveat* para as chamadas interpretações semânticas de Kant. Ignorar a linguagem significa ser incapaz de tematizar as relações entre a lógica e a realidade: não teria sido possível, no contexto kantiano, esclarecer a relação entre lógica e ciência, nem entre lógica e linguagem, já que ambas eram aglutinadas e dissolvidas no idealismo transcendental.

Assim, a leitura de Trendelenburg das Categorias mostra que a análise linguística não apenas era o método pelo qual o Estagirita chegou a essas categorias, mas que é igualmente o único método apropriado para a filosofia. Ao optar por revelar o fio condutor linguístico e gramatical das categorias, surge a questão que estará o tempo todo presente na filosofia posterior: qual é a relação entre uma linguagem lógica e a linguagem comum e sua gramática

ordinária? É a linguagem cotidiana ela própria lógica, e serve ela como acesso à “Lógica” como teoria da ciência?

A nosso ver, não foi dado o devido peso às respostas que Trendelenburg ofereceu a essas questões, nem ao papel que elas desempenharam no desenvolvimento da filosofia. A análise do texto sobre as categorias parece oferecer algumas delas.

Algumas considerações externas servem para reforçar a necessidade de uma tal investigação.

Na tradição historiográfica anglo-saxônica, e em particular no novo campo que se pode chamar História da filosofia Analítica, o papel de Trendelenburg em particular, mas da filosofia alemã, e na verdade austro-alemã, é negligenciado. Se algumas omissões, como as de Bolzano e Mill estão sendo reparadas, outras persistem. A ênfase dada por exemplo a Bradley e McTaggart na gênese da filosofia analítica no jovem Russell ignora que o mesmo tipo de embate já se produzira antes na Alemanha, em seu confronto com o hegelianismo, onde Trendelenburg figura em destaque.

Outro aspecto interessante vem de notar as possíveis semelhanças existentes entre o uso que Trendelenburg faz de Aristóteles e da filosofia antiga e aquele feito por filósofos posteriores, em diferentes tradições. Os primeiros textos de Ryle, sobre filosofia antiga e fenomenologia, citam Trendelenburg diretamente. Por outro lado, há uma linha contínua que vai de Brentano, passa por Husserl e chega a Heidegger. Vários cursos recentemente publicados sobre filosofia antiga são um testemunho claro dessa dívida. O simples fato de Trendelenburg situar-se como uma fonte compartilhada por duas vertentes atualmente tão distintas deveria chamar a atenção para a necessidade de seu estudo.

Finalmente, a análise de Trendelenburg parece ser necessária para que a história das origens da filosofia contemporânea seja

corretamente determinada. Hoje parece consensual que há uma necessidade de situar a virada semântica que supostamente caracteriza boa parte da filosofia contemporânea em algum momento diferente, e anterior, do que se pensava. Ainda que a tríade Frege-Russell-Wittgenstein seja inescapável, hoje é reconhecido o papel de autores como Bolzano e Mill nesse processo, mas certamente outros devem ser acrescentados a esta história. Até mesmo porque talvez a própria ideia de uma virada linguística ou semântica deva ser inserida em um contexto maior, do qual ela não é senão um dos aspectos, que passa pela reescritura da história da filosofia do século XIX como unidade autônoma, e não mero lapso de tempo entre nós e os modernos.

## Bibliografia

BELL, D. The revolution of Moore and Russell. A very British Coup? In: O' HEAR, A. (ed.). *German Philosophy since Kant*. Cambridge, Cambridge University Press. 1999. pp. 183-208.

CAMPOGGIANI, M. *L'elemento logico del linguaggio. Grammatica e logica nella riflessione filosofica da Hegel a Steintahl*. Disponível em: <http://utenti.lycos.it>. Acesso em: 11. nov. 2004.

COHEN, H. Zur Controverse zwischen Trendelenburg und Kuno Fischer. *Zeitschrift für Völkerpsychologie*, v. 7 (1871) 249-296.

FISCHER, K. *Anti Trendelenburg*. Jena, 1870.

FUGALI, E. *Anima e Movimento*. Teoria della conoscenza e psicologia in Trendelenburg. Laterza, Milano, 2002.

HARTUNG, G. Von einer Misshandlung des Zweckbegriffes. F.A. Trendelenburgs Kritik der praktischen Philosophie Herbarts und eine Anmerkung zur Lehre Darwins. In: HOESCHEN, A. y SCH-

NEIDER, L. *Herbarts Kultursystem*. Perspektiven der Transdisziplinarität im 19. Jahrhundert. Würzburg, 2003.

MANGIAGALLI M. *Logica e metafisica nel pensiero di F.A.* Trendelenburg. Milano, 1983.

PECKHAUS, V. *Logik, Mathesis universalis und allgemeine Wissenschaft*. Berlin, 1997.

POGGI, S. *I sistemi dell'esperienza*. Psicologia, logica e teoria de la scienza di Kant a Wundt. Il Mulino, Bologna, 1977.

\_\_\_\_\_. Zurück zu Dummett!. Análisis crítico del libro editado por Hans Johan Glock *The rise of analytic Philosophie* (1999). *Veritas* v. 31, n. 2 (2004) 1-25.

\_\_\_\_\_. Qué es filosofía contemporánea. La unidad de la filosofía contemporánea desde el punto de vista de la historia de la filosofía. *Trans-Form-Ação* v. 25 (2002) 29-52.

REALE. G. *Adolf Trendelenburg*. La dottrina delle categorie in Aristotele. Feltrinelli, Milano, 1994.

TRENDELENBURG, A. *Aristóteles de anima libri tres*. Berlin, 1833. (Editio altera emendata et aucta). Berlín, 1877. Graz, 21957.

\_\_\_\_\_. *Logische Untersuchungen*. Leipzig, 1840. 2 vols. Reprint da 3a. edición: Hildesheim, Olms, 1964.

\_\_\_\_\_. *Ein Beitrag zur aristotelischen Begriffsbestimmung und griechischen Syntax*. Rheinisches Museum, 1828, 457ss.

\_\_\_\_\_. *De Aristotelis categoriis*. Berlin, 1833.

\_\_\_\_\_. *Geschichte der Kategorienlehre*. Zwei Abhandlungen: I. Aristoteles Kategorienlehre, II. Die Kategorienlehre in der Geschichte der Philosophie. Leipzig, 11846. Reprint: Hildesheim, Olms, 1963.

\_\_\_\_\_. Über eine Lücke in Kants Beweis der ausschliessenden Subjektivität des Raumes und der Zeit. In: \_\_\_\_\_. *Historische Beiträge zur Philosophie*. Dritter Band. Verschiedene Abhandlungen. Berlin, 1867.

\_\_\_\_\_. *Kuno Fischer und Sein Kant*. Eine Entgegnung. Leipzig, 1869.

VAHINGER, H. *Commentar zu Kants Kritik der reinen Vernunft*. 2 vols. Stuttgart, 1881-1892.

